

## A construção de uma identidade racial na infância

### The construction of a racial identity in childhood

Andréa Lopes Barbosa<sup>1</sup>

Gláucio Martins da Silva Bandeira<sup>2</sup>

Jamilly Moraes Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** Através de um levantamento bibliográfico e empírico o presente artigo visa tecer reflexões para a promoção a construção de uma identidade racial na infância com crianças de 6 a 10 anos, fase em que suas construções e percepções sobre suas vivências começam a ser despertadas. Desta forma, percebe-se um interesse pelo tema racial e pela equidade nos espaços escolares e no cotidiano destas crianças, levando-nos a ações de conhecimentos e políticas educacionais. A partir desta perspectiva de inclusão e diversidade, poderemos possibilitar a oportunidade dessas crianças de se sentirem representadas através de relatos históricos e através de contação de histórias. Entendendo seu papel e a importância de sua construção valorativa em seu meio social, construindo assim uma identidade histórica e que contribua para sua vivência sociocultural.

**Palavras-chave:** Identidade. Negro. Educação. Diversidade. Infância.

**Abstract:** Through a bibliographic and empirical survey, this article aims to provide reflections to promote the construction of a racial identity in childhood with children aged 6 to 10, a phase in which their constructions and perceptions about their experiences begin to be awakened. In this way, we can see an interest in racial issues and equity in school spaces and in the daily lives of these children, leading us to knowledge actions and educational policies. From this perspective of inclusion and diversity, we will be able to provide these children with the opportunity to feel represented through historical accounts and storytelling. Understanding their role and the importance of their value construction in their social environment, thus building a historical identity that contributes to their sociocultural experience.

<sup>1</sup> Pós-graduanda em AEE – Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Faveni, graduada em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2956-9565>. E-mail: [lopessdeia@yahoo.com.br](mailto:lopessdeia@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Universidade Estácio de Sá – Doutorando em Educação, UERJ, Mestre pela UFF, Psicanalista Clínico, Psicopedagogo e Neupsicopedagogo CRPp nº RJ787, Psicomotricista, Gerontologista, especialista em Saúde Mental ABG584, Especialista em Educação de Jovens e Adultos e Educação a Distância (UFF) ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7844-4280> E-mail: [glaciobandeira@gmail.com](mailto:glaciobandeira@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Estácio de Sá – Colégio Salesiano Santa Rosa - Doutoranda em Linguística Aplicada UFRJ, Mestra pela UERJ/FFP, Graduada em Letras pela UERJ/FFP. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-4624-5316> E-mail: [jamilly@letras.ufrj.br](mailto:jamilly@letras.ufrj.br)

Recebido em 14/10/2023

Aprovado em 30/11/2023

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



**Keywords:** Identity. Black. Education. Diversity. Infancy.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo fomentar a reflexão sobre a identidade negra e como esse assunto é abordado em sala de aula, a partir da perspectiva da inclusão e da diversidade no espaço escolar a fim de possibilitar às crianças a oportunidade de se sentirem representadas através da contação de histórias, materiais pedagógicos que contribuam para a reflexão e sobre a construção de sua identidade.

Compreendendo a importância de se valorizar a história e a trajetória negra através da contação de histórias que potencialize a importância sociocultural, assim possibilitaremos estratégias de ensino que construa essa identidade na escola a partir do ensino fundamental 1, valorizando a cultura, costumes e diversidades que perpassam pela história do negro no Brasil,

Segundo Cuche (1999) “a identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social”. Muito cedo, elementos da identidade racial surgem na vida das crianças negras, mesmo com pouca idade a criança percebe e entende o que tem a sua volta.

De acordo com Gaudio (2015), os estudos e pesquisas sobre as relações sobre étnico-raciais no âmbito da educação onde revelam que as crianças negras vivenciam em seus cotidianos, relações intersubjetivas com as demais crianças, visto que enfrenta práticas sociais racistas e estereotipadas sobre seu próprio grupo social. (2015, p.1).

Este artigo procura dialogar sobre o que é uma educação antirracista, que promova mudanças, trabalhando a cultura afro, estimulando a autoestima através de contação de história. Além disso, trabalhar questões raciais em ambiente estudantil possibilita a memória, a luta pela legitimação da história negra e apontar reflexões sobre questões raciais.

O grupo trabalhado nesta pesquisa será o do Fundamental I, a faixa etária das crianças é de 6 a 10 anos. A estratégia é observar os trabalhos realizados com esta temática e trabalhar a contação de história em sala de aula, buscando métodos relacionados ao modo de ensino e aprendizagem da criança.

Portanto, desconstruir a imagem negativa do negro na educação, valorizando a história e permitindo o protagonismo dos negros. A realização dessa proposta também busca examinar materiais didáticos e pedagógicos que auxiliem no processo da pesquisa. Ademais, é importante observar se esses materiais contribuem para construção de uma identidade positiva do negro em sua trajetória.

Desta forma, podemos pensar sobre a inclusão, diversidade racial, identidade nos espaços escolares, compreendendo a importância do diálogo e dos diferentes olhares que se constituem na construção do processo identitário. Visto isso, busca-se a reflexão na educação.

Propomos que a literatura pode contribuir para a inclusão nos espaços escolares. O estudo de História e Cultura afro-brasileira, trás protagonismo e dá voz aos que foram silenciados na história do Brasil.

A metodologia utilizada é de abordagem qualitativa, onde utilizo como metodologia a revisão de literatura acerca do assunto, possuindo como referência trabalhos anteriores que já trataram o tema pesquisado, onde analiso a temática da construção de uma identidade racial na infância através de pesquisas, projetos, livros, que abordam a questão racial.

Através de pesquisas fundamentamos a importância da temática racial nos espaços escolares, apresento leis e práticas que podem ser aplicadas na vivência da criança negra nos espaços educacional. Tenho vivenciado desde a minha infância, por ser mulher negra, o preconceito racial, seja em um espaço escolar ou em outros espaços fora da escola.

Essa experiência de racismo, embora pareça individualizada, representa experiências coletivas de negros e negras que cotidianamente vivenciam o preconceito da cor tão presente na sociedade brasileira. Desta forma justificamos a importância de estudar e pesquisar questões relacionadas à raça, para que práticas de racismos sejam combatidas dentro e fora dos espaços escolares.

Procuramos identificar, através da contação de histórias, como a representatividade negra é apresentada na escola. Proponho um diálogo sobre o que é uma educação antirracista, que promova mudanças nos conhecimentos existentes, contribuindo para a construção de novas aprendizagens.

É preciso envolver a comunidade e a escola em atividades que valorizem a diversidade, contribuindo para um debate racial, através de palestras, vídeos e outras linguagens que colaborem para o processo educativo. Apresento a escola como espaço de estabelecimento social, necessitando ter um olhar mais atento às ações que ocorrem no seu interior e em seu entorno, trabalhando as questões raciais.

Buscamos analisar pesquisas que atendam aos objetivos propostos, acerca do aprendizado da criança através de histórias e cultura afro. Segundo Gaudio (2015), essas relações preconceituosas são significantes no processo de constituição das singularidades infantis e necessitam de atenção no âmbito das relações educativas. O conhecimento na ajuda a romper com a equivocada ideia de inferiorização do negro, colaborando para práticas mais inclusivas. (2015, p.1).

Concluimos sobre a importância de valorizar as histórias negras, suas características físicas, sua cultura, reconhecendo o negro e a sua contribuição para construção da nossa história.

## UM MOMENTO NA MINHA HISTÓRIA

Muitas vezes por defesa, não me enxerguei como uma criança igual às outras. Filha de uma mãe faxineira, com quatro filhas mulheres, sozinha e sem a presença de um pai para colaborar com as despesas da casa, o que contemplava em meu cotidiano era uma mulher que lutava para manter nossa casa, minha visão era essa, sem compreender muito o que se passava ao meu redor.

Lembro-me que na minha pré-adolescência, indo para escola, ouvi de um homem que andando bem perto e segurando uma carroça me disse: - “Abaxe sua cabeça menina, pois você é preta e feia”, de maneira que meus colegas em volta pudessem ouvir. Aquelas palavras me deixaram meses sem poder me ver no espelho, tinha vergonha de minha cor, de meus traços genéticos, de minha condição financeira e não possuía conhecimento de histórias que pudessem me orientar a levantar a cabeça e me defender.

Com que direito aquele homem se achou em condições melhores que a minha? O que levaria ele a pensar que não sendo negro, lhe dava o direito de me ofender por ser negra? No livro “Pequeno Manual antirracista”, de Djamila Ribeiro (2019), nos orienta na seguinte parte onde ela escreve.

Perceber-se criticamente implica uma série de desafios para quem passa a vida sem questionar o sistema de opressão racial. A capacidade desse sistema de passar despercebido, mesmo estando em todos os lugares, é intrínseca a ele. Acordar para os privilégios que certos grupos sociais têm e praticar pequenos exercício de percepções pode transformar a situação de violência que antes do processo de conscientização não seriam questionadas. (Ribeiro, 2019, p. 107).

Hoje penso que para aquele homem o direito ser diferente de minha cor, lhe ofereceu a oportunidade de se sentir melhor e superior a mim. Como não havia em mim, um conhecimento sobre questionar e me defender daquela situação, aceitei e me calei diante do ocorrido, mas, tenho uma mãe que embora não tenha discussão racial, percebeu minha tristeza e me deixou uma linda palavra: - “Não permita “não” se enxergar, não deixe de se olhar por ninguém, você é bonita do jeito que é”. Parece simples, mas mudou um pouco o meu modo de me enxergar, não mudou tudo o que imaginava, mas me deu a chance de me olhar “novamente”.

E assim, me percebi envolvida em algo que aos poucos ia me consumindo, passei por tantas cobranças, vivi momentos em que sofri discriminações em mercado, lojas, certos restaurantes e sentia-me fora desses espaços, evitava entrar em determinados departamentos de venda, beleza entre outros.

Consciente de que o racismo é parte da estrutura social, e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ético e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de postura e da adoção de práticas antirracistas, (Ribeiro, 2019, p. 13).

Aprender seus direitos possibilita dialogar sobre o assunto, não adianta ter um lugar de “fala e não saber falar”, Ribeiro (2019) escreve em seu livro que “O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas”, (Ribeiro, 2019, p. 69).

Através desta experiência vivenciada por mim, percebo como é importante uma construção de identidade racial nas crianças, pois desta maneira teremos muitas histórias lindas para contar, de povos que com suas culturas e vivências, nos deixaram grandes legados. Deixaram aqui marcas significativas, aprendizados que se agregam a nossa história, engendrando em nós seus saberes, suas canções, seus costumes, sua culinária e muitos outros costumes que ratificam sua passagem por nossas terras.

Ao abrirmos um diálogo sobre o que é ser negro, contar nossas histórias de forma positiva, valorizar nossos estereótipos, ensinarmos as nossas crianças que temos uma cultura, que nossas músicas, nossas comidas, nossas danças fazem parte de nós como ser social, colaboraremos para uma geração que luta contra o preconceito sem violência, mais com saberes que os colocam no “lugar de fala”, que o diálogo seja a “abertura” para novas aprendizagens.

## **CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA UMA IDENTIDADE RACIAL MAIS INCLUSIVA: JUSTIFICATIVA**

A educação é fundamental para proporcionar mudanças de ações preconceituosas e de desinformações, desta forma desconstruir estigmas e racismos tão presentes na sociedade. Segundo Nelson Mandela (2003), “a educação é a arma mais poderosa para mudar o mundo”, essa reflexão nos impulsiona a pensar em meios para construção democrática de uma educação antirracista nos espaços escolares, onde o debate contribua para a inserção de todos, sem distinção de raça, gênero e cultura.

Desta forma, podemos contemplar a necessidade de pensar sobre literaturas que colaborem para a inclusão, diversidade racial, construção de identidade nos espaços escolares, compreendendo a importância do diálogo e dos diferentes olhares que se constituem na construção do processo, buscando uma reflexão do que uma cultura inclusiva.



A falta dessas leituras causa silenciamento nos espaços escolares, colaborando para histórias de preconceitos. Nossa contribuição é para que a escola atue de maneira a realizar debates, reflexões e pesquisas que contribuam para uma construção positiva da identidade e imagem do negro, valorizando a equidade e as diferenças presentes na sociedade.

Segundo Freire (1974), “ensinar é como despertar o aluno para ler o mundo”, grandes transformações parte desse princípio, o fortalecimento da educação que valorize o múltiplo, o plural, que aprofunda conhecimentos sobre as diferentes histórias e culturas. Buscando ter um olhar mais cuidadoso, complexo e questionador, socializando informações e desconstruindo preconceitos.

## **FUNDAMENTANDO TEORICAMENTE COMO A EDUCAÇÃO PODE CONTRIBUIR PARA A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE NEGRA**

As Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que regulamentam o ensino de “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” na educação básica do Brasil é hoje o principal instrumento de luta contra o racismo dentro do campo educacional, fortalecendo uma educação antirracista e com mais equidade.

Com esse resultado, o desafio é engendrar na educação a igual oportunidade de aprendizado da história do negro, onde percebemos que em ambientes diferenciados o preconceito, a exclusão social, a história contada a partir de uma perspectiva, sem levar em consideração a cultura e a história da outra parte. Neste caso, negros e indígenas, são vistos muitas vezes com um olhar depreciativo.

A partir de uma educação em que educadores e educandos não se sintam silenciados em questões raciais, não sabendo lidar com a história do outro, construindo mais uma vez e legitimando preconceitos que foram construídos de forma negativa acerca do negro.

(...) imperiosidade de analisar os três ângulos da questão: o mundo social imediato, a ser interiorizado pela criança; a família que, além de ser mediadora, tem especificidades que a distinguem de qualquer outra; a criança que sujeito da aprendizagem social, interiorizará o mundo mediado a partir de suas próprias idiossincrasias e de maneira singular e solitária (Gomes, 1990, p. 59).

Deste modo, percebemos que o caminho a ser percorrido não será fácil, para haver uma construção de histórias será necessário que educadores, sistema escolar e a família abracem juntos essa temática. Dantas (2016) vai nos relatar que a Lei Áurea de 13 de maio de 1888, que extinguiu a escravidão no Brasil, não estabeleceu nenhum tipo de políticas públicas, visando à

inclusão social dos egressos do cativo e seus descendentes, (2016, p.149). Até os dias atuais, ainda são necessárias políticas de reparações das desigualdades raciais.

A convivência nesses espaços dentro e fora da escola amplia e intensifica a forma como a criança se relaciona. Ela traz dentro de si conhecimentos pertencentes ao meio em que vive e a experiência escolar colabora para essa socialização, abrangendo conhecimentos históricos e ampliando sua leitura de mundo.

Segundo Munanga (2016),

(...) dentro de muitos brasileiros há uma voz que grita; Não somos racistas, os racistas são os outros (...) essa voz forte e poderosa costumamos chamar de “mito” de democracia racial brasileira, que funciona como uma crença, uma verdadeira realidade, uma ordem. (2016, p.205)

120

Ao aprender sua cultura afro, seus reais acontecimentos, quem eram, o porquê de sua cor, de seu cabelo, de seus traços genéticos, de suas vivências, músicas, histórias de guerreiros, príncipes, princesas e assim terem a percepção que ser diferente é normal, se sentir pertencente a uma terra com dignidade, com equidade de direitos nos tornam pessoas mais livres, com mais aceitação, com mais pertencimento a um país tão grande e diverso.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA - (lei 8069/90), nos permite assegurar que:

(...) o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantido na Constituição e nas leis; (...) direito a educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho (...). Igualdade de condição para o acesso e permanência na escola; direito de ser respeitados por seus educadores; e ter respeitados seus valores culturais, artístico, históricos próprios no contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e o acesso à fontes de cultura. (Lei 8069/1990).

Observamos a necessidade de dar a criança o direito de pertencimento à sua história, garantida por lei. A identidade dessas crianças negras e de grupos minoritários sejam garantidos, dar voz a quem por muito tempo foram silenciados, onde suas histórias foram contadas a partir de um lado, das camadas que se sentiam favorecidas.

Djamila Ribeiro (2019) nos descreve que, não é realista esperar que um grupo racial domine toda a produção do saber e seja a única referência estética (2019, p. 27). Precisamos inserir em nossas práticas, nos cotidianos, nos estudos e nas famílias conhecimentos acerca de sua cultura, incutindo assim uma história mais democrática onde todos se sintam pertencentes sem distinção.

A identidade negra na infância tem vivenciado um momento de reflexões, pesquisas e histórias. No entanto a realidade que se tem posto na maioria dos espaços escolares e sociais,

ainda é de desvalorização, silenciamento e falta de conhecimento sobre o tema. A diferença entre o “nós” e os “outros” constituem o ponto de partida para formação de diversos tipos de preconceitos. Declara Munanga. (2016, p. 207).

Almeida (2021) alega que antes de tratarmos da relação entre direito e raça, é importante que tenhamos ao menos alguma noção do que é direito. Essa colocação de Almeida nos orientar a ensinar primeiro, conhecer, para depois relacionarmos o direito com a questão da racialidade.

Para a criança aprender em seus espaços de socialização é algo que contribui para trocas identitárias, é onde se aprende a gostar e a ofender, a respeitar e desvalorizar. Esse local pode ser usado para muitas correções, aprendizados se forem bem utilizados como um espaço de construção do saber.

A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados, segundo Almeida, (2021, p. 32). Havendo a necessidade de engendrar na criança pertencimento a sua raça sem distinção da outra.

A consequência de práticas de discriminação direta e indireta ao longo do tempo leva a estratificação social, um fenômeno intergeracional, em que o percurso de vida de todos os membros de um grupo social... é afetado, segundo Almeida (2021, p. 33).

Crianças negras não podem ignorar as violências cotidianas; declara Ribeiro, essa divisão social existe há séculos, e é exatamente a falta de reflexão sobre o tema que constitui uma das bases para perpetuação do sistema de discriminação racial. (2019, p.24 e 25).

Gomes (2005, p.62) afirma que a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar, apontando a escola como um locus social e educativo que tem o dever de compreendê-la em toda sua complexidade e buscar meios de positivar identidades e pertencimentos raciais. Nesses termos, a identidade é um dos resultados mais importantes do processo de constituição social do sujeito segundo Cavalleiro, (2021, p. 19).

Ainda são perceptíveis histórias que propagam e criam invisibilidade na população negra, crianças no fundamental I de 6 a 10 anos, tem o poder de gerar percepções, construir seu intelecto, sendo assim fundamental uma construção racial para o seu desenvolvimento.

Nessa perspectiva Cavalleiro relata que no cotidiano escolar pouca atenção é dada ao desenvolvimento social das crianças (...) o pior é que essa ausência é dada como positiva. (2021, p.42), muitos educadores têm concepções errôneas o que causa silenciamento.

Como superar as diferenças sem preconceitos? Para isso é fundamental que a criança tenha conhecimento cultural, ético ao seu respeito. Proporcionando indivíduos que tenha ética e moralidade quanto à diferença do outro.



## REFLETINDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NO ESPAÇO ESCOLAR.

A escola é um espaço de socialização de falas, de dialogicidade, de trocas de experiências. O corpo diretivo, administrativo e docente de uma escola precisa discutir as propostas pedagógicas da instituição, no sentido de incluir todas as pessoas, quer sejam crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, independente da raça, da etnia e do gênero.

Observar a trajetória do negro na história nos permite entender como atualmente o sistema tem tratado dos direitos educacionais, nos possibilitando um olhar onde a criança negra se sinta pertencente ao espaço onde estuda, onde tem sua vivência e compreendendo que é respeitada em toda prática e planejamento pedagógico.

O respeito à diversidade deve estar presente, buscando problematização desse tema e sensibilizando o aluno sobre a importância desta discussão, levando em consideração sua realidade, refletindo sobre possibilidades e caminhos que podemos seguir para superar obstáculos, fortalecendo diálogos que são necessários a infância. De acordo com Vygotsky (1989)

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são retratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (VYGOTSKY, 1989, p.33).

A infância é uma das fases essenciais para a criança, pois nesta fase começa um processo de aprendizagem e de construção do seu pensamento. De acordo com o meio de socialização da criança, deve-se levar em conta o que está sendo aplicado no espaço educativo para formação desta como ser social, avaliando se a construção desta aprendizagem está abrangendo o respeito, valorizando o diferente, permitindo que a criança trouxesse para este espaço seus saberes, costumes, valores culturais e suas vivências múltiplas do seu cotidiano.

Pensar nas relações étnico-raciais no Brasil envolve diversos fatores estruturantes. No entanto, o que é evidenciado nos livros didáticos somente uma história depreciativa desses povos, como se não houvesse cultura, luta e nem histórias, é como se o povo negro não tivesse um “passado”. Nossas crianças só aprendem sobre negros condenados a escravidão durante séculos, o que levam muitas delas a não se reconhecerem como negros, como pertencente a um povo de cultura afro.

O que muitas das vezes levam essas crianças a sofrerem o racismo por conta da cor de sua pele, pela textura de seu cabelo, ocasionando nos espaços sociais a discriminação e o preconceito, realidades vividas desde a infância para muitos negros. O autor Paulo Freire (2000)

escreveu em sua terceira carta pedagógica, “Se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p.67).

Nesta perspectiva, a educação precisa ser planejada de forma democrática, que acolha a todos sem distinção, ampliando em seus espaços diálogos, projetos voltados para histórias e culturas afro. Dessa maneira, deve acolher as diferentes raças, etnias, culturas e contribuindo para construção de uma sociedade mais igualitária e respeitosa.

Portanto, podemos compreender que não há como continuarmos pensando que o racismo, o preconceito e a injustiça social são situações que não atingem as crianças negras. Paulo Freire (1996) já se posicionava em relação à “neutralidade”, “que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez, mas hipócrita de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça? “Lavar as mãos” em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele”. Precisamos de políticas de inclusão que sensibilize os espaços escolares e sociais.

Assim trazemos as discussões a respeito da criança negra, destacando suas relações étnico-raciais e enfatizando a construção de uma identidade negra onde a imagem não seja negativa, valorizando sua história, cultura e diversidade. Segundo Freire (1974) “ensinar é como despertar o aluno para ler o mundo”, grandes mudanças partem desse princípio, os espaços escolares e a sociedade precisam de um olhar mais cuidadoso, reflexivo que despertem a criança para educação de qualidade, onde ela se sinta inserida no processo de ensino e de aprendizagem.

Portanto, precisamos garantir o direito para que o negro ocupe seu espaço sociocultural garantido na Lei de diretrizes curriculares 10.639/03, para o estudo da história e cultura afro-brasileira, onde devemos ressaltar a cultura afro como constituinte formadora da sociedade brasileira. Os negros são considerados como sujeitos históricos na música, culinária, danças, religiões e outros.

Os livros didáticos já estão se adaptando com o conteúdo da Lei 10.639/03. Assim, os professores e a comunidade podem exercer um importante papel no processo de luta contra discriminação e o preconceito racial no Brasil.

## **CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS ESPAÇOS ESCOLARES DE CRIANÇAS DE 6 A 10 ANOS**

Falar em como identificar um personagem negro sem um estereótipo inferiorizado possibilita ter um novo olhar para história. Contar a história na perspectiva de um protagonismo onde não havia apenas escravos, mas, havia heróis, príncipes, princesas, guerreiros, ou seja, um

povo com uma identidade forte, com sua história, trajetória, sua cultura e principalmente sua identidade. Onde estão estas histórias nos espaços escolares e em seu entorno?

Florestan Fernandes (1978) escreveu que “o preconceito é uma categoria histórico-sociológica construída pelos brancos, e é, em larga medida, compartilhada pelos próprios não brancos”. Segundo Cavalleiro (2021) evidencia a dificuldade que a escola apresenta em lidar com a questão étnica e a ausência de questionamentos acerca da existência do problema.

Professores reagem de forma extremamente preconceituosa e por vezes cruel diante dos conflitos étnicos evidenciando a “naturalização” do racismo na escola acompanhada pela omissão e desrespeito no relacionamento com aluno/as negros/as. Cavalleiro (2001) destaca que “uma pessoa ignorada” e “descuidada” “pode perder o referencial de si mesma, reconhecendo seu fracasso” (CAVALLEIRO, 2001, p.155).

Diante deste contexto, percebemos a importância de pensarmos o racismo na infância e ampliar nossa visão no processo de ensino aprendizagem, desconstruindo a imagem desfavorável do negro na contação de história, segundo Marques (2018, p.32) “a desgastada estereotipização colonial da animalidade indígena e negra”; precisamos refletir que tipo de imagem construímos no imaginário infantil.

Desta forma, é preciso apresentar uma história da cultura afro-brasileira com personagens que sejam heróis, onde a criança possa se identificar, construindo uma história positiva acerca da sua raça, sua identidade e sua história. Para que haja aceitação, identificação em relação a história da criança negra.

Ao olhar para o pertencimento étnico-racial numa perspectiva positiva colabora para que a criança negra tenha a oportunidade de se conhecer étnica e racialmente, sobrepujando a diferença que atinge campos sociais, culturais e políticos. A diversidade humana segundo Gomes (2005) está “a partir de especificidades, as quais estão as diferentes formas de corpo, diferentes cores de pele, tipos de cabelo, formato dos olhos, diferentes formas linguísticas etc.” (GOMES, 2005, p.51).

Todavia, trabalhar a autoestima colabora para construção do seu pertencimento sociocultural, e assim contribuir na elaboração do aprendizado, do respeito, das formas de convivências dentro e fora dos espaços escolares, para que cada um cumpra seus respectivos papéis de socialização na sociedade. É imprescindível compreender que essas construções e vivências despertam valores que contribuem para construção de uma identidade onde todos são importantes independentes da raça, da cor e da etnia.

## A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA COMO MUDANÇA NOS CONHECIMENTOS EXISTENTES: CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE NOVAS APRENDIZAGENS.

Uma criança discriminada precisa ter conhecimento para se proteger e se sentir inclusa em seu espaço de convivência. Cavalleiro (2021) relata em seu livro que “O silêncio dos professores perante as situações de discriminação impostas pelos próprios livros escolares acaba por vitimar o estudante”, essas construções são percebidas dentro do espaço escolar quando uma criança negra se depara com uma história em que ela não se sente pertencente.

Certa vez, conversando com uma professora, informalmente sobre racismo e silenciamento da criança negra, essa professora trouxe um relato de uma colega de profissão, que na aula, narrou sobre a escravidão no Brasil e desmostrou como eram os escravos negros apontando para uma das crianças em sala de aula, usando o “aluno como exemplo”, dizendo que os escravos eram da cor dele. Logo a criança presente se sentiu ofendida e grita em sala: “- Eu não professora, não sou negro”.

Como aquela criança se sentiria representada desta forma? Um exemplo em que o educador necessita rever seus conhecimentos, não se baseando somente nos livros, e sim, pesquisando e compondo um novo olhar para que meninos e meninas negras se sintam importantes e valorizados quanto as suas histórias.

Promovendo um diálogo antirracista, contribuindo para inclusão de crianças que não se veem em bonecos, brinquedos e histórias sobre brancos, mas que possam também a partir de uma reflexão racial fomentar discussões sobre literaturas, brinquedos e bonecos negros em que essas crianças se vejam representadas.

Djamila (2019) vai descrever esse tema como “O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos e não um simples ato de vontade de um indivíduo” (2019, p. 12). Precisamos rever nossa pedagogia escolar, nossos métodos de contar a história de um povo negro com conhecimento e respeito.

## ENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE: COMO A ESCOLA PODE VALORIZAR A DIVERSIDADE E CONTRIBUIR PARA UM DEBATE SOBRE A QUESTÃO RACIAL

Como trabalhar a questão racial nos espaços escolares e de convivência da criança negra? O desafio de engendrar uma equidade, na ótica de ver o outro como ser social e com os mesmos

direitos, segundo Cavalleiro (2021) o preconceito e a discriminação aparecem como uma poderosa arma nos momentos de disputas, capazes de paralisar sua vítima. (2021, p.53)

A partir das reflexões realizadas até aqui como devemos pensar em práticas antirracistas? Que estratégias são necessárias para que essas práticas racistas não atinjam nossas crianças? Já que as crianças mencionadas neste artigo possuem entre 6 a 10 anos de idade, já tem uma compreensão de mundo, já vivenciam o racismo em espaços sociais, experimentam situações que já se sentem diferenciadas das outras.

Sobre este tema é importante ressaltar a importância de pesquisas e aprofundamentos por parte de profissionais da escola, pedagogos, todo corpo que colabora para uma construção escolar e assim também envolver as famílias para essa grande reflexão acerca da cultura Afro-Brasileira.

A libertação dos escravos, no Brasil em 13 de Maio de 1988, tornou os africanos e afro-brasileiros iguais ao homem branco perante a lei, esse era apenas o início de uma “nova” sociedade, (Cavalleiro, 2021, p.28). Mas, essa abolição não deu a cidadania aos escravos brasileiros, Cavalleiro refuta que esses ex-escravos e seus descendentes foram segregados socialmente e economicamente.

A escola como espaço de estabelecimento social necessita ter um olhar mais atento às ações que ocorrem dentro dela e em seu entorno, trabalhando as questões raciais. Ribeiro vai dizer que “é fundamental que um indivíduo pertencente a um grupo social privilegiado em termos de lócus social consiga enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar”, ela acrescenta que “esse lugar impacta diretamente a constituição dos lugares de grupos subalternos” (RIBEIRO, 2019, p.85).

A educação para negros não pode mais continuar sendo tratada como “Herança Escravocrata”, como bem retrata Ribeiro, aonde pessoas negras vão experienciar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidade por conta desse sistema de opressão (2020, p.85). Precisamos pontuar a necessidade desse diálogo nos espaços escolares e para além desses espaços.

É necessário que professores e familiares fiquem apercebidos da importância de desconstruir preconceitos, pois diariamente muitos negros morrem por questões raciais, devemos estar comprometidos a combater o racismo dentro e fora dos espaços escolares. França diz que (2017, P.184) “crianças negras (...) não se sentindo aceitas por colegas e professores que, não raras vezes, demonstrando preconceito por meio de insultos baseados em seus fenótipos”.

Quanto mais vivenciarão o medo, o descaso, a desvalorização do seu estereótipo, para haver mudanças? Crianças que já desde novas experimentam o preconceito que na cerca todos



os dias. Ribeiro nos mostra que algumas atitudes simples podem ajudar as novas gerações... “um ensino que referencie positivamente a população negra é benéfico para toda sociedade”. (2019, p. 41).

## **MÉTODOS QUE PODEM SER UTILIZADOS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE A CULTURA AFRO ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E OUTRAS ATIVIDADES.**

A metodologia qualitativa utilizada foi uma análise das pesquisas realizadas neste contexto histórico com a revisão de literatura acerca do assunto. Buscou-se como referência trabalhos anteriores que já trataram o tema pesquisado, onde é analisada a temática da construção de uma identidade racial na infância através de pesquisas, projetos, livros, que abordam a questão racial.

A estratégia é observar os trabalhos realizados com esta temática e trabalhar a contação de história em sala de aula, buscando métodos relacionados ao modo de ensino e aprendizagem da criança. Segundo Cavalleiro (2021), desse modo, a identidade é concebida como um processo dinâmico que possibilita a construção gradativa da personalidade no decorrer da existência do indivíduo, (2021, p.19).

Buscando compreender uma história negra na infância, que contribua para a construção de identidades, colabora para a valorização do que chamamos de “diferente”. “Essas contribuições oportunizam o fazer de forma democrática, onde todos são vistos possuindo os mesmos direitos, construindo seus saberes, respeitando sua cultura, seus costumes e valorizando sua vivência. A socialização torna possível à compreensão do mundo por meio de experiências vividas, ocorrendo paulatinamente” (CAVALLEIRO, 2021, p.16).

Desta forma, trabalharemos com várias etapas da construção dessa identidade através de histórias, bonecos negros e cultura afro-brasileira. Após dialogar com os conteúdos pesquisados, analisaremos como é a construção identitária na infância, refletindo como esta construção valoriza as experiências dos alunos, contribuindo para uma mudança no conhecimento já existente.

Com uma roda de conversa e reflexões sobre a história contada, levaremos o aluno a estabelecer correlações entre o conteúdo abordado e a desconstrução de preconceitos. Outro propósito é aguçar o olhar das crianças para as histórias, imagens e experiências compartilhadas por elas, estimulando a formação de um pensamento crítico e reflexivo, incentivando a fala e o exercício de construir e emitir o que aprendeu, através de diálogos e debates de acordo com a faixa etária escolhida.

A inclusão favorece a diversidade, o diferente, permitindo que a criança se sinta respeitada, acolhida nos espaços escolares e na sociedade a sua volta. Ferreira (2020) nos aponta que a aprendizagem se deu para além da escola, são outras experiências educacionais, são outras formas de transmitir saberes.

## **ANALISANDO E REFLETINDO SOBRE DIVERSIDADE ÉTNICA E CULTURAL DENTRO E FORA DOS ESPAÇOS ESCOLARES**

Considerando o tema construção de uma identidade negra na infância, não é tão simples, pois dialogar em diversos espaços se torna difícil. Essa temática embora seja baseada na Lei, sendo respaldada no ECA, seja divulgado nas redes sociais e nas mídias; ainda assim é um tema sensível para determinados grupos sociais que não se identificam com o outro, como sendo um ser social.

Freire (1997) nos afirma que o processo de ensinar implica o de educar e vice-versa, envolve a “paixão de conhecer” que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil, (1997, p.9). Se colocar no lugar de ensinar e aprender, precisa despertar na sociedade, na escola, na família o desejo de conhecer a história, não de uma forma só, mas entender que a cultura, os costumes diferentes do nosso é normal.

Ter abertura para conhecer, aprender, assimilar a importância de se repensar à educação, buscando uma identidade em um país Plural, diverso, pluriétnico e plurirracial. Ribeiro (2019) relata que desde cedo, pessoas negras são levadas a refletir sobre sua condição racial... “ser negra era um problema para sociedade”. Precisamos propor ideias, repensar as resistências e buscar caminhos que norteiem crianças na sua aprendizagem.

Através de estratégias, atitudes mais inclusivas e o respeito às diferenças, podemos trazer para o cotidiano escolar e familiar narrativas antirracistas, trabalhar historicamente as multiculturalidade, as diversas etnias de um país tão grande como nosso. O desafio é transpor as novas pesquisas para os espaços escolares, trazendo reflexões sobre a temática racial, sua cultura, sua diferença e resistências.

Segundo Cavalleiro (2021), o desafio para este milênio é construir uma democracia substantiva. Isto significa elaborar um modelo democrático onde o que conta é a igualdade de oportunidades e não igualdade perante a lei, conforme o artigo 5º da Constituição Federal, (2021, p.9). Por esse motivo, é importante saber introduzir uma boa história, uma cultura real, uma representatividade positiva, um contexto baseado no respeito à cultura afro-brasileira.

Ao analisarmos os relatos e vivenciais ao longo deste trabalho, podemos perceber a inserção da criança negra na sociedade, no seu cotidiano e como desde cedo se percebe o

preconceito. Essa reflexão serviu como base no desenvolvimento deste artigo, pois trabalhamos motivações, valores, culturas, crenças e diversas atitudes que podem contribuir para a ressignificação da história do negro em nosso país, começando pela forma de contar sua história.

A ausência dessa construção de identidade racial no contexto escolar colabora para a discriminação, com demagogias e falácias que não trabalham a questão racial dentro da sala de aula. É preciso mostrar, sim, que houve escravidão, para que isso não se repita, mas também é preciso pontuar que houve professores renomados, escritores, poetas, desafiadores do sistema e intelectuais negros.

Houve mulheres e homens que marcaram suas gerações, elevando a autoestima e o desejo de pertencimento identitários ao povo negro. A escola possui extrema importância na discussão desse debate, portanto construir uma identidade positiva em nossas crianças, para vivências e aprendizagem sem discriminações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do artigo, propomos dialogar sobre conteúdos, pesquisas, histórias e conceitos sobre identidade racial e sua construção na infância. Possibilitando a reflexão sobre conteúdos históricos e culturais, ressaltando um olhar positivo sobre a contação de história do negro no Brasil, concedendo possibilidades dos sujeitos e oportunidades de experienciar um sentimento de pertencimento da sua história.

Consideramos fundamental uma educação voltada para desmistificar todo e qualquer estigma referente às raízes afrodescendentes, necessitamos de políticas sociais que contribuam como uma ferramenta fundamental para legitimar a importância da população negra na formação da sociedade brasileira.

Portanto, concluímos a importância de valorizar as histórias negras, suas características físicas, sua cultura, reconhecendo o negro e a sua contribuição para construção da nossa história. Afinal são imprescindíveis as narrativas aqui propostas, concluo com a frase de Djamilia Ribeiro (2019)

É importante que se tenha uma preocupação real em não desrespeitar os símbolos de outras culturas. Para isso, deve se nutrir empatia pelos diversos grupos existentes na sociedade, um processo intelectual que é construído ao longo do tempo e exige comprometimento: quando eu conheço uma cultura, eu a respeito. Então é essencial estudar, escutar e se informar. (RIBEIRO, 2019, p.72).

Lutando por uma educação transformadora e democrática que acolha a todos sem distinção de cor, etnia e condição social.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural: feminismos Plurais**. 8.ed. São Paulo: Ed. Jandaíra São, 2021, P. 32, 33.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2021, p. 09, 19, 28, 42, 53, 76.

CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação: Repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001, p. 155.

CUCHE, Denys. **A noção de culturas nas ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999. P. 177.

ECA. **L8069 – Planalto** [planalto.gov.br](http://planalto.gov.br)

Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)>. Acesso em: 15 de Agosto de 2023.

EDUCAÇÃO E CIÊNCIA. **Revista Prosa, Verso e Arte**, 2022 disponível em: <<https://www.revistaprosaversoearte.com/a-educacao-e-a-arma-mais-poderosa-que-voce-pode-usar-para-mudar-o-mundo-nelson-mandela/>>. Acesso em 15,08,2023.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. São Paulo: Ática, 1978. 125. Sociologia. IANNI, Octavio (aut. sec.). 2. ed. São Paulo: Ática, [1986], 1991.

FERREIRA, Higor Figueira. **Com tintas da liberdade: professores, raça e cartografia da Educação na Corte Imperial**. 2020.1. Tese de doutorado PPGHC-Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro 2020.

FRANÇA, D. X. de. Discriminação de crianças negras na escola. *Interacções*, Santarém, v. 13, n. 45, p. 184.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 67.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar**, 1997, p. 9.

FREIRE, P.& ILLICH, Ivan. Diálogo. In: **Seminário Invitación A Concientizar y Desescolarizar: Conversación permanente**, Genebra, 1974. Atas. Buenos Aires, Búsqueda Celadec. 1975, 109 p.

GAUDIO, Eduarda, Souza. **Desigualdade e Diversidade étnico-racial na Educação Infantil**. **Revista Eventos Pedagógicos** v. 6, n. 4 (17. ed.), número regular, p. 01, nov. /dez. 2015

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. p. 51, 62.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão**. In. BRASIL. **Educação Anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 59. (Coleção Educação para todos).

BRASIL, LEI. **L10639 – Planalto** – planalto.gov.br Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)>. Acesso em 15 de Agosto de 2023.

BRASIL, LEI. **L11645 – Planalto** – planalto.gov.br Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-010/2008/lei/111645.htm)>. Acesso em: 15 de Agosto de 2023.

MARQUES, et al.: **Caminhos para a descolonização do currículo escolar**. Eugenia Portela de Siqueira Marques, Marta Coelho Castro Troquez (Organizadoras). 1. Ed. Curitiba: Appris, 2018, p. 32.

OLIVEIRA, Iolanda de, PESSANHA, Márcia Maria de Jesus, (orgs). CEAD/UFF: **Educação e relações raciais** - autor Kabengele Munanga, 2016, p. 205 – 207.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. 8. ed. São Paulo: Jandaíra, 2019, p.85.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 13.ed. São Paulo: Schwarcz S.A, 2019, p. 12, 13, 24, 25, 27, 41, 69, 72, 107.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 33. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.